

**PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *Made in China: (in)formalidade, pirataria e redes sociais na rota China-Paraguai-Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2011. 340 p.**

Thais Cunegatto <sup>1</sup>

A obra, de excelência já reconhecida pelos pares acadêmicos das ciências humanas brasileiras em sua premiação de melhor tese ANPOCS<sup>2</sup> de 2010, lança um olhar complexo e instigante na eloração de uma trama etnográfica que desvela relações de poder e reciprocidade estabelecidas em diferentes esferas na cadeia de comércio (in)formal que envolvem China-Paraguai-Brasil.

A problematização de termos como formal e legal é dada no decorrer de todo livro, na medida em que a autora vai mostrando como esses conceitos são interpretados e reconfigurados de acordo aos contextos históricos/políticos e sociais dos quais emergem. A relativização desses conceitos se dá a partir da experiência etnográfica vivenciada em profundidade. A análise de o quão os produtos *made in China* são resignificados, à medida em que adentram territórios distintos, é uma riqueza peculiar desse trabalho.

A autora mostra como na China a noção de (re)produção de cópias tem significados que se apoiam numa perspectiva histórica e estatal, que vê na cópia uma possibilidade de nacionalização do que é estrangeiro, ou seja, de valorização do comércio local - deslocando assim a ideia global preconcebida de que os produtos originários da China são ilegais, ilícitos ou até mesmo imorais - ideias ocidentais introduzidas a partir de mecanismos de defesa internacional à pirataria e incorporadas, por exemplo, pela polícia federal brasileira em suas medidas de fiscalização alfandegária e no combate a pirataria.

A obra é dividida em oito capítulos, que tecem de maneira reflexiva e analítica as práticas etnográficas que se desenrolaram nos três países, durante os dez anos de pesquisa percorridos pela autora.

O primeiro capítulo traz as ponderações metodológicas, desse trabalho de perspectiva multissituada, que prevê distintas formas de entradas em campo e diversos exercícios de deslocamento epistemológico, sejam eles de familiarização e/ou

---

<sup>1</sup> l'Université Laval, Quebec, Canadá.

<sup>2</sup> Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

estranhamento. Refletindo sobre o seu lugar de etnógrafa em seus diferentes campos de pesquisa, a autora culmina em uma discussão sobre os dilemas éticos do trabalho de campo, enfatizando principalmente, sua pesquisa desenvolvida na China e sua relação com a interlocutora Feifei - que a inicia na prática do *ganxi* no atributo de seus múltiplos papéis de mediadora, professora e tradutora de mandarim. A complexidade de sua personagem e a imersão nas redes de reciprocidade prende a atenção do leitor, que junto com a autora embarca no desafio antropológico lançado.

Os capítulos segundo e terceiro buscam compreender como a prática da pirataria e do mercado (in)formal chinês possuem raízes no sistema mercantil cantonês. A compreensão dos processos históricos vivenciados na China, desde o *Canton System* até os processos de (re)abertura ao comércio global, vivenciados na era pós-Mao, trazem elementos que reposicionam *sweatshops* não apenas como espaços de exploração e penúria, como visto aos olhos do mundo a partir da ótica dos direitos humanos, mas também como espaços que possibilitam para chineses em situação de miserabilidade a possibilidade de uma moradia e de condições mínimas de sobrevivência. No lugar da miséria e da falta de alimentos antes vivenciada, os *sweatshops* podem possibilitar a esperança de mobilidade, elemento crucial na cultura chinesa, seja ela geográfica ou de ascensão social.

No capítulo seguinte, o leitor é levado a compreender a importância da arte do *ganxi* nas práticas comerciais contemporâneas chinesas, destacando-se assim, a função social e simbólica dessa arte de obrigação e reciprocidade como "parte estruturante do Estado Moderno e não como um resíduo arcaico socialista" o que possibilita à China o destaque no mercado global de produtos (in)formais. Nesse sentido, a autora problematiza a sua necessidade de praticar o *ganxi* como forma de inserção no campo de pesquisa, fato esse que é dado através do estabelecimento de *ganxi* com sua intérprete que abre sua rede social para a pesquisadora. Como a prática do *ganxi* pressupõe "conexões pessoais diádicas baseadas numa ética de obrigações" essa abertura propiciada por sua intérprete tinha um preço (econômico e simbólico) a ser pago e negociado. A descoberta de uma temporalidade outra que é dada na construção dessa rede de relações humanas, ou seja, na construção do *ganxi* possibilita a autora a compreender a diferenciação êmica entre essa arte e a corrupção. Enquanto a primeira é desenvolvida através do tempo, mediante uma teia de afetos e obrigações; a última é

dada apenas monetariamente, não acarretando nenhuma dimensão sentimental. Essa análise possibilita a compreensão do caráter dinâmico e dialético do *ganxi* que atualiza as práticas capitalistas na China, ao mesmo tempo em que se atualiza.

O quinto capítulo traz uma discussão sobre autenticidade e falsificação no que tange os produtos *made in China*. Partindo do pressuposto que a pirataria é uma filha "traidora" do capitalismo contemporâneo, pois nasce da sua própria "lógica de flexibilização e terceirização", Pinheiro-Machado aponta como essas noções se tornam complexas e imbricadas na medidas em que, muitas vezes, as mesmas fábricas e os mesmos processos de montagem produzem o "falso" e o "original".

A conexão China-Paraguai é o tema do sexto capítulo. Neste, os processos de diáspora asiática que levam os chineses às Américas são explicitados, aprofundando-se nos fluxos emigratórios dos taiwaneses e chineses, oriundos da República Popular da China, ao Paraguai. Nesse capítulo são problematizadas as relações diplomáticas estabelecidas entre Taiwan e Paraguai e o lugar do imigrante chinês nessa teia global de comércio (in)formal. Esse lugar de imigrante é evidenciado como um espaço de reconstrução da identidade chinesa que exalta a importância da família e dos valores sociais e simbólicos de seu país de origem, criando assim mecanismos de evitação ao estrangeiro, ou seja, ao latino.

Seguindo nos conflitos gerenciados pelos chineses imigrantes da Ciudad del Este, o sétimo capítulo problematiza as relações entre chineses e paraguaios no que tange a vida cotidiana e suas práticas comerciais. A identidade chinesa que antes poderia ser fragmentada entre cantoneses e chineses encontra uma aparente unificação que se dá através do repúdio das formas de vida latina, sempre associada ao supérfluo, ao gasto desnecessário, a uma não preocupação com o futuro. Isso não significa dizer que não existam hierarquias e dissenso entre os chineses e taiwaneses, mas que mediante uma construção de identidade que é relacional, os chineses se unificam como medida de proteção contra ao latino, este último visto como perigoso na medida em que vive uma situação financeira desfavorável que, por vezes, leva a assaltos e roubos ao grupo de chineses, referindo-se ao grupo, singular de capital econômico.

O último capítulo da obra mostra como os atores sociais estão interconectados. A autora desvela a cadeia de produção, venda e consumo das mercadorias (in)formais que vai da fabricação dos produtos na China, passando pela Ciudad del Este, através de

práticas comerciais que englobam o valor família, indo para cidades brasileiras através dos "sacoleiros" e chegando ao mercado (in)formal nas ruas de Porto Alegre, Brasil. Nesse capítulo é também problematizado as práticas de fiscalização do governo brasileiro no combate a pirataria, que acabaram por dismantelar as relações comerciais formais e informais tidas na Ciudad del Este, mostrando as implicações macro e micro políticas nas vidas cotidianas das cidades e dos sujeitos sociais que sobreviviam dessa prática comercial. Pinheiro-Machado exalta que Ciudad del Este vai perdendo seu lugar no cenário global de comercialização de produtos chineses, mas isso não significa necessariamente o fim desse mercado, quanto antes um deslocamento dos sacoleiros porto-alegrenses para a cidade de São Paulo.

Novas rotas para o *made in China* vão sendo recriadas, em meio a processos de combate a ilegalidade, dolorosas perdas simbólicas e econômicas são vivenciadas e mediante isso recomeços são agenciados. Finalizando com uma frase emblemática da autora: "a cadeia desvia seu rumo, se adapta, se regenera..." e por fim, se recria.

Recebido em: 08/10/2013

Aprovado em: 10/11/2013